

Os limites do tempo: Gonçalves de Magalhães contra Darwin

Valdei Lopes de Araujo*

Em 1880, o velho Gonçalves de Magalhães sai em defesa de suas crenças mais profundas. Defender suas idéias através de duras polémicas não lhe era algo novo, ninguém esquecera, por certo, seu confronto com o jovem José de Alencar em 1856. De algum modo, o tempo aproximara os dois titãs do romantismo brasileiro. As diferenças do passado pareciam pequenas se confrontadas com o novo inimigo. Em 1880 Alencar já havia morrido (1877), mas deixava registradas suas divergências com o “bando de idéias novas” da geração emergente. Em 1875, em sua polémica com Joaquim Nabuco, as teorias de Darwin serviram de munição para os ataques dos “jovens” contra os “velhos”.ⁱ Alencar demonstrara, naquele momento, ter um contato muito superficial com o darwinismo, confundido-o com as teorias transformistas do século XVIII.

Tal não será o caso com Magalhães, seu ensaio demonstra um conhecimento razoável da teoria de Darwin, por ele inserida no interior de um difuso materialismo moderno. Afrânio Coutinho afirma que “por volta de 1880 o romantismo estava morto”,ⁱⁱ se este é o caso, o ensaio de Magalhães foi seu canto do cisne. Em seu texto figura em nomes de célebres cientistas contemporâneos, tais como Agassiz, o botânico francês Charles Victor Naudin, o fisiologista, professor da Universidade de Turim, Jakob Moleschott (1822-1893), celebrizado por ter deixado a Universidade de Heidelberg, onde seu materialismo radical era hostilizado, Büchner, Oersted, Zeise, John Stuart Mill, Auguste Comte, entre outros.

Uma dificuldade que chama a atenção do leitor é a completa ausência de documentação das fontes utilizadas por Magalhães na composição do ensaio. Excetuando alguma eventual referência a esses nomes de autores célebres, não há registro de livros consultados, com a única exceção de “Força e Matéria”, do Dr. Büchner.

Mesmo assim, não há qualquer indício do nível real de familiaridade de Magalhães com as obras dos autores que cita. Raramente são transcritas passagens literais, algumas vezes cita trechos que atribui a Darwin, sem indicar o livro ou artigo.

O ensaio está dedicado ao seu filho, o Dr. Amadeus M. J. G. de Magalhães Araguaya. Esse recurso parece deixar claro o caráter de testamento geracional que o ensaio assume. Alertar a juventude para os falsos caminhos do mundo moderno, para os perigos que uma ciência da moda pode conduzir o espírito mais inexperiente. Na dedicatória, antecipa o argumento de que as teorias materialistas são aceitas apenas por modismo, vaidade e vontade de alguns em parecerem atualizados com os progressos da ciência. Seu livro deve funcionar como denúncia de uma concepção de ciência que avança os limites autorizados pelas suas próprias descobertas. Magalhães aceitava as novas leis e fatos descobertos, mas não admitia que esses conhecimentos autorizassem a ciência a invadir o campo reservado à metafísica, ou seja, esses progressos não autorizavam a cosmovisão materialista.

Por isso, os fundamentos indutivos da teoria de Darwin são o calcanhar de Aquiles por onde pretende derrubar o materialismo, que é apenas uma interpretação improvável:

Essa teoria [de Lamarck] restaurada e desenvolvida nos nossos dias, com **o talento de um engenhoso romancista**, pelo célebre naturalista Carlos Darwin, que a tornou quase popular, é uma concepção **contrária à ordem conhecida dos fatos, e inteiramente hipotética**, não obstante todos os esforços da imaginação dos sectários, que a preconizam como científica [...].ⁱⁱⁱ

O velho ro mântico não estava pronto para assumir o papel de atrasado obscurantista em luta contra a ciência moderna. É no interior dessa ciência que pretende refutar os defensores do materialismo moderno. Não pretendia derrubar apenas os conteúdos de suas interpretações, também a pontaria o caráter anticientífico dessas teorias.

Mas afinal, o que tanto provocava o poeta, historiador e filósofo Magalhães? O que o fazia sair da quietude que sua idade poderia sugerir para confrontar os jovens modismos? Nas páginas finais do ensaio, sem que tivesse antecipado uma única vez o problema nas mais de 150 páginas anteriores, o literato demonstra a profunda consciência da ameaça que as novas idéias representavam. Essa pseudociência penetrava a arte do tempo. “O naturalismo”, nos diz Magalhães,

ou o realismo de certa escola de literatura moderna, que se apraz nas descrições sem pejo das coisas mais indecentes, infames e asquerosas, é o complemento do grosseiro materialismo do nosso tempo, que afoitamente nega Deus e a moral, e converte o homem em um macaco transformado pela seleção; e o homem, assim desaforado, não se envergonha de assumir a impudência e a petulância do macaco.^{IV}

Não sejamos injustos com o livro de Magalhães. A passagem, com a famosa referência à suposta origem simiesca do homem, não corresponde ao esforço reflexivo do autor. Se antecipamos o fragmento final, é apenas para demonstrar a gravidade do que estava em jogo. Para Magalhães, o romantismo não era só aquilo que orientava as criações artísticas, mas uma manifestação do idealismo como visão de mundo. Por isso, a identificação do darwinismo como inimigo mortal do idealismo já demonstra uma compreensão bastante sofisticada da teoria da evolução.

A ligação entre a decadência moral e uma teoria que supostamente equipara o homem ao animal tem seu ponto central na questão da finalidade da criação. É nesse ponto que Magalhães identifica o escândalo de Darwin. A “adaptação mecânica” e a seleção natural “sem plano nem fim”

[...] não explicam a geração, a nutrição, a produção de órgãos novos, de instintos e faculdades intelectuais e morais. [...] Todos esses fatos da vitalidade orgânica supõem causas fundamentais, e uma finalidade imperiosa, que resiste a todos os sofismas do materialismo.^V

O romantismo sempre identificou nas potências criadoras do “novo” o desafio para o pensamento. O novo precisava ser incorporado a uma forma de reflexão histórica. Ao mesmo tempo, na ausência de uma teoria da evolução que identificasse na lógica

interna do movimento as fontes da criação, o romantismo recorreu sempre ao conceito de ação providencial em suas mais diversas configurações.^{vi}

A realidade natural ou humana não poderia ser pensada meramente como fruto do acaso. Deveria ser possível, mesmo que não através de simples procedimentos da ciência positiva, identificar essa idéia ou *telos* que orienta a formação do mundo. Ora, era justamente a necessidade desse *telos* para o mundo natural que Darwin tornava obsoleta. Os princípios da seleção natural explicavam a evolução da vida sem a necessidade de um plano pré-estabelecido. Se não havia necessidade de plano, tampouco haveria a de uma mente pré-existente responsável pela criação. Poderíamos continuar acreditando em Deus, mas ele tornara-se obsoleto como hipótese explicativa para o mundo natural.

É exatamente nesse ponto, ou seja, na ausência de uma finalidade na criação, que Magalhães pretende confrontar Darwin. A teoria da evolução não seria capaz de explicar a causa primeira da vida, o “milagre” da criação. Se o “milagre” não podia ser eliminado, porque então acreditar que fora produzido pelo acaso, ao invés de por uma mente/força organizadora. A exclusão de Deus seria apenas o preconceito de uma concepção de ciência positiva que negava, *a priori*, tudo o que lembrasse metafísica. Por isso, Magalhães defende que existe um campo do conhecimento que a ciência positiva não pode penetrar, pois seus fatos, mesmo que não positivamente acessados, podem ser perscrutados pela razão. A existência de uma força orientadora da vida é uma necessidade da razão.

A vida foi criada em algum momento específico, e não o produto de uma “evolução lenta e contínua”. A própria paleontologia não mostraria indícios para apoiar as “adaptações lentas e intermediárias”.^{vii} Mais de uma vez, ao longo do ensaio, Magalhães demonstra familiaridade com os principais argumentos contrários à teoria da evolução, muitos dos quais arrolados pelo próprio Darwin. O que falta em Magalhães é o compromisso em fazer falar o outro lado do debate. A já mencionada ausência de

referência aparece também como mais uma forma de impedir o controvérsio. Como mencionar o problema dos registros fósseis sem apresentar os célebres argumentos de Darwin para contornar a questão?

Magalhães continua arrolando os argumentos da teoria da evolução para refutá-los. À noção de continuidade lenta da evolução através da seleção natural do mais apto, confronta o fato de que seres muito inferiores continuariam a existir ao longo do tempo. O argumento demonstra como ainda compreendia as espécies formando um sistema hierárquico, uma grande cadeia cujo ponto mais alto era ocupado pelo homem. Da mesma maneira, a suposta recapitulação da evolução no desenvolvimento embriológico não provava a evolução, mas apenas indicava a simplicidade dos tipos básicos formadores de todos os seres vivos. O ponto é assim resumido:

A transformação sistemática do óvulo em um complicado organismo, que reproduz o tipo de seus progenitores, **como se uma idéia artística o dirigisse com admirável previsão de vários fins a que destina as suas diversas partes**, não é um fenômeno que se explique pela simples adaptação mecânica; e a chamada lei da herança é um fato misterioso [...].^{viii}

Ou ainda:

O que sabemos positivamente a respeito das espécies biológicas, salvo qualquer engano na sua classificação, é que elas são fixas e persistentes desde a mais remota antiguidade, e que a seleção artificial cuidadosamente feita, ainda não produziu uma só espécie nova que comprove a possibilidade de uma metamorfose pela imaginária seleção natural; a qual, dependendo de um concurso de circunstâncias repetidas em tão grande escala, seria impossível sem milagre.^{ix}

A divergência pode então ser resumida da seguinte forma: existe ou não uma força vital que organiza e direciona o processo de formação da vida. A ênfase nos processos contingentes e mecânicos do darwinismo confrontava-se com uma longa tradição do pensamento vitalista. É a essa tradição que recorre Magalhães ao utilizar o conceito de força vital:

Essa força, como todas as mais emanadas do Criador supremo, **só se revela pelos seus efeitos**; mas a sua existência, distinta essencialmente de todas as outras forças

que constituem a natureza, é tão incontestável como a multiplicidade de suas criações, o maravilhoso dos seus processos, e a variedade de seus fenômenos.^x

Entende-se facilmente a ênfase de Magalhães na concepção de uma ciência positiva como aquela fundada em um absoluto empirismo. A dedução dessa forma vital superior não está nos limites empíricos da ciência, mas cabe à razão superior. Esse tipo de raciocínio é o mesmo que leva o historiador “romântico” a vislumbrar o sentido da história nos vestígios das épocas passadas. Tanto na natureza quanto na história a totalidade organizada é pressuposta, mesmo que não possa ser analisada em seus princípios, mas apenas deduzida a partir de seus efeitos. Não é de se admirar, portanto, que a aplicação das teorias evolucionistas na história provoquem uma demanda por novas categorias explicativas de tipo causal. Essa totalidade compreensiva já não pode ser tranquilamente pressuposta e interpretada.

A leitura do ensaio de Magalhães não deve apenas ser orientada pela identificação de algum tipo de incompreensão ou “desleitura”. O ensaio nos ajuda a compreender também os abusos interpretativos de um cientificismo o pouco dado à autocrítica. As teorias de Darwin não foram menos distorcidas por seus admiradores do que por seus detratores. As fronteiras entre as descobertas científicas e um cientificismo materialista vago não são sempre claras. Não é sem razão que Magalhães chama de fantasiosas afirmações do tipo: “Uma garrafa contendo carbonato de amoníaco, cloreto de potássio, fosfato de soda, cal, magnésia, ferro, ácido sulfúrico e sílice, é de um *modo ideal* o princípio vital completo”.^{xi}

Em diversas passagens Magalhães demonstra ter contato direto com os escritos de Darwin. Discutindo o argumento que explica a exuberância das flores, transcreve uma passagem supostamente retirada de um texto do naturalista: “As flores [...] entram no número das mais belas produções da natureza; mas elas se fizeram brilhantes, e por conseguinte belas, para contrastar com a verdura das folhas, de modo que os insetos a

pudessem ver facilmente”.^{xii} Forçando o texto de Darwin contra seu argumento, demonstrando desconhecer as sutilezas da teoria da evolução, Magalhães grifa no texto o que considera uma prova da finalidade natural, “as flores se fizeram brilhantes”. De imediato conclui: “Admirável! Assim pois, há desígnio, há manifesta finalidade nas produções da natureza, mesmo no colorido e beleza das flores e dos frutos! E o sábio corifeu da teoria da evolução das espécies o reconhece, e proclama!”.^{xiii}

O ensaio prossegue sempre na tentativa de mostrar as contradições internas à teoria de Darwin no que se refere a negação de um princípio teleológico para o mundo orgânico. Nem sempre a divergência está assentada em algum tipo de incompreensão, na maior parte das vezes Magalhães apenas resiste a aceitar as interpretações do naturalista.

Um ponto parece, entretanto, interpor o limite para a recepção de Magalhães. Ponto este que Darwin, consciente de sua centralidade e ao mesmo tempo dificuldade de apreensão, fez questão de esclarecer sucessivamente em *A origem das espécies*. Falamos da enorme modificação na escala de tempo que a teoria exigia, alargamento que havia sido permitido pelos avanços nos estudos geológicos. Mesmo o paciente Darwin foi taxativo sobre esta questão. Para ele, o leitor incapaz de visualizar como “incompreensivelmente vastos foram os períodos passados de tempo” deveria simplesmente abandonar a leitura de seu livro maior.^{xiv}

Todas as vezes que Magalhães refere-se aos longos intervalos de tempo requeridos para explicar os fenômenos geológicos ou fisiológicos sua escala permanece amarrada à dimensão secular. Como medir os 300 milhões de anos a que chega Darwin em um de seus cálculos pensando em termos de séculos? Mesmo tratando dos registros fósseis presentes nas camadas geológicas, Magalhães fala em seres “produzidos durante séculos”. Em outra passagem, afirma que os “tipos [orgânicos] específicos se transmitem e perpetuam de geração em geração, durante séculos [...]”. Somente por isso Magalhães

pode concluir que “origem das espécies [...] não passa de uma hipótese contrária à observação de séculos”.^{xv}

Na impossibilidade de compreender a nova escala de tempo que se tornava possível pensar a organização do mundo da vida através de uma evolução contingente e não teleológica, Magalhães permanecia fiel à crença na força vital e na providência como condições para a inteligibilidade dos mundos natural e humano.

* Professor Adjunto da área de Teoria e metodologia do Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Este projeto conta com a participação do bolsista **Ezequiel Barel Filho**, Pibic/Cnpq.

ⁱ Em um trecho, no mínimo curioso, Nabuco criticava o fato de Alencar ter criado um episódio em “O Guarani” em que uma índia pede um beijo a Peri. Ora, argumenta Nabuco, Darwin havia provado em seu livro “A expressão das emoções nos homens e animais” que o beijo como forma de demonstração de afeto não existiria em os indígenas. Cf. Coutinho, Afrânio (Org.). **A polêmica Alencar-Nabuco**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978, p. 91. O leitor cuidadoso poderá verificar o uso pragmático que Nabuco faz do livro de Darwin, pois o único trecho em que trata da questão, o célebre naturalista não menciona os indígenas do Brasil. Cf. Charles Darwin. **The expressions of emotions in man and animals**, pp. 439-40.

ⁱⁱ Afrânio Coutinho (Org.). **A Polêmica Alencar-Nabuco**, p. 5.

ⁱⁱⁱ Gonçalves de Magalhães **Comentários e Pensamentos**. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1880, pp. 1-2

^{iv} Gonçalves de Magalhães. *Op. cit.*, p. 163.

^v Gonçalves de Magalhães. *Op. cit.* pp. 2-3.

^{vi} No contexto germânico, a biologia vitalista manteve poderosa influência ao longo do século XIX. Sobre a questão, ver Timothy Lenoir. **The strategy of life: teleology and mechanics in nineteenth-century German biology**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1998, pp. 246-75.

^{vii} Gonçalves de Magalhães. *Op. cit.*, p. 6.

^{viii} Gonçalves de Magalhães. *Op. cit.* p. 9. Grifo meu.

^{ix} Gonçalves de Magalhães. *Op. cit.*, p. 12.

^x Gonçalves de Magalhães. *Op. cit.*, p. 22. Grifo meu.

^{xi} Gonçalves de Magalhães. *Op. cit.*, p. 25.

^{xii} Darwin apud Gonçalves de Magalhães. *Op. cit.*, p. 40. Grifo do autor.

^{xiii} Gonçalves de Magalhães. *Op. cit.*, p. 41.

^{xiv} “He who can read Sir Charles Lyell's grand work on the Principles of Geology, which the future historian will recognise as having produced a revolution in natural science, yet does not admit how incomprehensibly vast have been the past periods of time, may at once close this volume” Charles Darwin. **On the origins of species**. Cambridge: Harvard University Press, 2001, p. 282.

^{xv} Gonçalves de Magalhães. *Op. cit.*, p. 6; 15; 47.